

DA FORMAÇÃO À PRÁTICA: UM ESTUDO A PARTIR DA VISÃO DOS PSICÓLOGOS

Leonice Bárbara de Rezende ¹

Nicole Costa Faria²

Carlos Alberto Mourão Júnior³

RESUMO: A presente pesquisa teve como objetivo principal entender, a partir da perspectiva de psicólogas egressas do curso de Psicologia da UFJF (MG), graduadas há, no máximo três anos, como a formação contribuiu para a atuação destas profissionais em diversas áreas deste campo de conhecimento, e a partir daí, levantar os aspectos positivos e negativos da formação em questão. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica. Participaram da pesquisa oito psicólogas formadas por esta instituição, com idades entre 23 a 26 anos. A experiência na área de atuação variou de seis meses a dois anos. Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista, contendo cinco perguntas disparadoras. A partir da análise dos significados pudemos concluir que grande parte das profissionais avaliam positivamente sua formação. Dentre os problemas apresentados temos como destaque a pouca diversidade de teorias e áreas contempladas na formação. Os dados indicam que mudanças são necessárias na estrutura do curso, a fim de que se implemente uma maior diversidade teórico-prática durante a formação.

Palavras chave: Formação Profissional, Psicologia, Fenomenologia.

FROM TRAINING TO PRACTICE: A STUDY TOWARDS THE PERSPECTIVE OF PSYCHOLOGISTS

ABSTRACT: The present study aimed to understand how the formation, from the perspective of students who graduated in Psychology at UFJF (MG), graduated at the latest three years, contributed to the work of these professionals in various areas of this field of knowledge and then appraise the positive and negative aspects of the formation in question. So, we carried out a qualitative approach with phenomenological approach. Eight psychologists formed by this institution participated in the survey, aged 23-26 years. The experience at this area ranged from six months to two years. For data collection, we used a structured interview containing five triggering questions. From the analysis of the meanings, we could conclude that most professionals positively evaluate their training. Among the

¹ Mestre em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora

² Psicóloga, Universidade Federal de Juiz de Fora

³ PhD, Professor Associado, Universidade Federal de Juiz de Fora

problems presented, we have highlighted a little diversity of theories and areas covered in their training. The data indicate that changes are necessary in the course structure, in order to improve a better theoretical and practical diversity during their training.

Keywords: Professional Education, Psychology, Phenomenology.

INTRODUÇÃO

A Psicologia é tanto uma ciência quanto uma profissão. Enquanto ciência a Psicologia tem seu marco histórico com a criação do laboratório de Wundt em Leipzig no ano de 1879. A importância deste laboratório decorre do fato de ele ter se tornado o primeiro centro internacional de formação de psicólogos (Araújo, 2009). Enquanto profissão, no Brasil, a Psicologia é regulamentada pela Lei 4.119 de 27 de agosto de 1962. Essa lei dispõe sobre as diretrizes dos cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo. Segundo Bock (2010) a regulamentação da profissão se deu quando não havia qualquer identidade profissional para o psicólogo.

Segundo essa mesma Lei de 1962, o currículo mínimo para a formação de psicólogos é estabelecido, com o objetivo de promover orientações mínimas à formação dos psicólogos, bacharéis e licenciados em Psicologia, e evitar assim uma expansão desordenada dos cursos da profissão recém-regulamentada.

O currículo mínimo se mostrou como um primeiro esforço no sentido de orientar a formação em Psicologia, porém várias críticas a esse modelo foram feitas nas décadas subsequentes. Assim, em 07 de novembro de 2001 são divulgadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Curso de Graduação em Psicologia aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação. Estas novas diretrizes foram organizadas visando ao planejamento, à implementação e à avaliação dos cursos de Psicologia, os quais devem abarcar três perfis de formação: o bacharel em Psicologia, o professor de Psicologia e o psicólogo. Essa formação apoia-se em um núcleo comum de que estabelece uma base homogênea no país, bem como uma capacitação básica para o formando lidar com os conteúdos da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e de atuação. Tanto o núcleo comum como os perfis profissionalizantes foram definidos em termos de competências e habilidades. O núcleo comum concentra-se no domínio dos conhecimentos básicos e estruturantes da formação. Os perfis concentram-se na diferenciação e domínio de conhecimentos psicológicos e de áreas afins, e na capacitação para utilizá-los em diferentes contextos de atuação (CNE/CES 1.314/2001).

Essas Diretrizes de 2001 foram atualizadas em 2004 (Resolução CNE/CES nº 8, de 7 de maio de 2004), e posteriormente foi promulgada a versão mais atual, no ano de 2011 (Resolução CNE/CES nº 5, de 16 de março de 2011). Tais atualizações, para efeitos da análise que fazemos nesse trabalho, não trouxeram mudanças significativas ou essenciais. Elas mantiveram a ideia central das Diretrizes de 2001.

A preocupação com a formação e a atuação dos profissionais em Psicologia não é recente, como pode ser visto pelo estudo pioneiro de Sylvia Leser de Mello (1975). Porém essa preocupação com a profissão pode ser ainda mais anterior, porquanto as pesquisas de Costa, Amorim e Costa (2010, 2012a, 2012b) encontraram documentos que datam de 1952.

Alguns estudos que avaliam a formação em Psicologia têm apontado que a mesma está longe de ser adequada, que o curso não atende às necessidades da sociedade, com ênfase na formação clínica, que há uma falta de articulação da teoria com a prática e que estudantes recebem as informações de forma passiva, não desenvolvendo assim uma capacidade, indicando desta maneira a necessidade de uma graduação mais formativa do que informativa. Estes motivos levam a uma formação precária, que se reflete em práticas muitas vezes inadequadas (Lisboa & Barbosa, 2009; Aguirre et al., 2000; Carneiro, 2006).

Com relação ao perfil do psicólogo brasileiro, Bastos e Gomide (1989) apresentam um resumo do primeiro estudo de abrangência nacional sobre a profissão do psicólogo no Brasil. Vinte anos se passaram sem que um novo estudo desta amplitude fosse realizado, porém por iniciativa do Grupo de Psicologia Organizacional e do Trabalho da ANPEPP, realizou-se entre 2006 e 2008 uma nova pesquisa sobre a profissão no Brasil (Bastos, Gondin & Borges-Andrade, 2010).

Com base nesse novo estudo, Bastos et al. (2010), publicaram um capítulo de livro no qual retomam o artigo de Bastos e Gomide (1989) apresentando as principais diferenças entre as duas pesquisas. Os autores concluem que há um grande desafio no que se refere à formação do psicólogo, tendo em vista que a acentuada expansão dos cursos não tem sido acompanhada de qualidade do corpo docente para assegurar uma formação de elevada qualidade.

As pesquisas conduzidas pelo CFP (1988) e pelo Grupo de Trabalho de Psicologia Organizacional e do Trabalho da ANPEPP revelaram que mais de 80% dos psicólogos brasileiros são mulheres. A partir desta constatação o Conselho Federal de Psicologia encomendou uma pesquisa de abrangência nacional, para avaliar aspectos quantitativos e qualitativos de dimensões que possam contribuir para a compreensão da influência feminina sobre o exercício profissional (CFP, 2013).

Malvezzi, Souza & Zanelli (2010) analisam as características de 835 psicólogos formados a no máximo 2 anos, os quais configuram 24,9% da amostra de psicólogos da pesquisa do Grupo de Trabalho de Psicologia Organizacional e do Trabalho da ANPEPP. Dessa subamostra, percebe-se que 83,9% são do sexo feminino, cerca de metade dos profissionais (51,4%) está na faixa esperada para a população entre 24 e 26 anos e 53,1% ainda moram com a família, sendo que apenas 13% já constituíram sua própria família.

Sabe-se hoje que, desde 2004, há uma lei de diretrizes e bases para a formação em Psicologia. Essa lei prevê conhecimentos básicos a serem repassados aos graduandos desse curso, conhecimentos esses que são essenciais ao desenvolvimento desse profissional. Sendo assim, a partir da necessidade de entender quais são os motivos que levam muitos profissionais a apontarem a graduação como falha, bem como sabendo que há uma lei que delimita quais competências são imprescindíveis para a formação de um profissional de Psicologia capaz de atuar nas diversas áreas deste campo de conhecimento, o presente estudo tem como objetivo avaliar a formação psicológica, a partir do olhar dos egressos do curso de Psicologia da UFJF, formados há no máximo três anos.

MÉTODOS

Participantes

A amostra do presente estudo foi constituída por oito psicólogas, formadas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) entre os anos de 2009 a 2011. Todas as psicólogas entrevistadas são do sexo feminino, sendo seis solteiras e duas casadas. A idade variou de 23 a 26 anos. Como se trata de uma abordagem fenomenológica, que busca aprofundamento e não generalizações, considera-se, nesse tipo de metodologia, que oito sujeitos é um número suficiente para compor uma amostra representativa, contanto que ocorra, como de fato ocorreu, saturação teórica da amostra.

A experiência na área de atuação foi de seis meses a dois anos. E as ocupações foram: Psicóloga Jurídica; Psicóloga Social Comunitária/Social Transformativa (nomenclatura referida pela psicóloga); Analista de recursos humanos (Psicologia do trabalho); Consultório particular (Clínica); Psicóloga escolar; Técnica Social na área de Psicologia; Psicóloga Hospitalar; Analista de Promotoria I Psicóloga (Psicóloga em interface com a justiça).

Instrumentos

A fim de atingir os objetivos, foi realizada entrevista semiestruturada contendo seis perguntas disparadoras. As perguntas contemplavam aspectos relacionados à formação acadêmica, avaliação da formação recebida, disciplinas ou atividades realizadas na graduação

importantes para a prática, aspectos não abordados pela graduação e importantes para a prática e sugestões visando melhor adequação do curso de graduação à prática profissional.

Procedimentos

A presente pesquisa foi aprovada pelo parecer de número 111.157 no Comitê de Ética em Pesquisa da UFJF (CAAE nº 03615712.7.0000.5147). Após a aprovação do comitê, a fim de alcançar os objetivos previstos para o presente estudo, foi realizada uma etapa preliminar de identificação das áreas de atuação dos egressos de Psicologia da UFJF formados há no máximo três anos.

Inicialmente entrou-se em contato com o portal de egressos da IES a fim de solicitar a colaboração do mesmo no contato com os psicólogos. Estes aceitaram colaborar com a pesquisa, e nos meses de dezembro de 2012 a fevereiro de 2013 os estudantes formados no período 2008 a 2011 foram contatados por email que continha um link do questionário no qual era solicitado o número de matrícula; sexo; idade; ano de ingresso e conclusão do curso e a área de atuação profissional atual (para esta lista utilizou-se a Classificação Brasileira de ocupações, documento do Ministério do Trabalho, 2002) e acrescentamos a atividade de pós-graduação lato e strito sensu.

Dos 59 questionários respondidos, apenas 45 foram considerados, uma vez que apresentavam as informações completas. Do total de questionário analisados quase a totalidade dos respondentes era do sexo feminino (44); as idades variaram entre de 23 a 29 anos. Com relação às principais ocupações referidas temos: 18 pós-graduando/as (17 strito sensu e 1 lato sensu); 7 psicólogo/as clínicos/as; 6 psicólogo/as sociais; 5 psicólogo/as do trabalho; 2 psicólogo/as escolares; 1 psicólogo/a hospitalar; 1 psicólogo/a da saúde; 1 psicólogo/a da jurídica; 1 psicólogo/a em interface com a justiça; 1 psicanálise; 1 referiu-se a Psicologia no geral; 1 não está trabalhando atualmente.

A partir das ocupações relatadas, entrevistamos psicólogas das mais variadas áreas, para as entrevistas foram excluídos os estudantes de pós-graduação, uma vez que não atendiam aos objetivos da pesquisa. Fomos realizando as entrevistas até que ocorresse a saturação teórica da amostra. Tal fato se deu após oito entrevistas.

Os procedimentos de coleta e de análise dos dados foram operacionalizados com base nos propostos na literatura sobre pesquisa fenomenológica (Amatuzzi, 2009; Forghieri, 1993; Giorgi, 1985; Moreira, 2002). Existem vários métodos e correntes para se avaliar uma pesquisa qualitativa, tais como o método dialético, método hermenêutico, método fenomenológico, análise de discurso, análise de conteúdo etc. Todos privilegiam a análise dos significados, mas analisam os dados privilegiando um determinado tipo de enfoque. Optamos

por adotar a abordagem fenomenológica. Segundo a fenomenologia, sujeito e objeto do conhecimento são faces da mesma moeda, pois a consciência é sempre consciência de alguma coisa (intencionalidade da consciência) e, paralelamente, o objeto só tem sentido quando significado pela consciência que o percebe. Assim, para a fenomenologia o que importa é a interpretação que o sujeito dá às suas vivências. Não cabe ao pesquisador, no método fenomenológico, interpretar, emitir juízos, tecer ilações sobre o conteúdo da narrativa dos sujeitos.

Para tanto, cabe ao pesquisador realizar as duas modalidades de redução que compõem o método fenomenológico. A primeira é a redução fenomenológica, que diz que o examinador deve suspender seu juízo e ouvir o entrevistado sem o espírito armado por qualquer preconceito. A segunda é redução eidética, que busca encontrar a essência das percepções dos entrevistados. Isso é feito por meio da busca de convergências nos discursos, procurando encontrar categorias comuns, que irão sinalizar a característica invariante das percepções dos sujeitos.

RESULTADOS

A síntese apresentada se estrutura de maneira que as falas significativas das profissionais que nos auxiliam na compreensão do fenômeno estudado sejam destacadas.

Quando avaliamos a trajetória acadêmica podemos perceber duas perspectivas distintas: profissionais que se especializaram precocemente na graduação (P1, P6, P7, P8), aqui estamos considerando a passagem por 3 ou menos áreas: e as que tentaram passar pelo maior número de áreas ou atividades oferecidas (P2, P3, P4, P5). Este aspecto foi considerado, pois nos ajuda a entender como as profissionais desenvolveram sua formação.

Um segundo quesito importante diz respeito ao contato prévio, que estas profissionais tiveram com sua área de ocupação atual. Nossa amostra tentou focar áreas de atuação bastante distintas, porém é possível perceber que a maioria das psicólogas consegue relacionar algum aspecto de sua formação com sua atuação atual. Seja por meio de matérias (P1, P7, P8); estágios (P1, P4, P6, P8); ou em pesquisa (P3).

A Psicóloga em Interface com a Justiça (P2) destaca não ter tido contato com a área em que atua, como expressa a passagem: *Não, nada. Na verdade essa área que eu atuo como eu falei ela é muito nova, tanto que a gente tem bastantes psicólogos que entraram quase todos formados aqui em São Paulo, mas a gente tem uma discussão muito grande, por exemplo, tipo de documento que a gente tem que elaborar e não tá enquadrado naquela normativa do CFP que fala de documentos psicológicos que a gente possa fazer, na verdade assim, se a gente der uma encaixadinha cabe, mas não é nenhum deles.*

A Psicóloga Social também apresenta uma visão interessante sobre a questão, visto que ao mesmo tempo em que consegue relacionar uma prática com grupos aprendida em estágio, destaca que a visão ao tratar das questões sociais se modifica: *Não, assim, é parecida em um sentido, mas assim em outros não. No sentido, assim, prático tudo bem, eu fazia um grupo com crianças de baixa renda, NE? De uma unidade básica de saúde, NE? Mas assim em sentido... mas era uma Psicologia comunitária voltada para a saúde pública, NE? Mas agora a Psicologia comunitária que eu faço é voltada para a assistência social, NE? É diferente. Eu nem conhecia, fui conhecer quando eu fiz concurso de Belo Horizonte, que aí eu estudei aquilo pela primeira vez.*

Avaliação da formação

A avaliação das profissionais acerca da formação em Psicologia esteve atrelada a duas perspectivas, avaliação do curso oferecido pela UFJF (P1, P2, P3, P4, P6, P7, P8) e avaliação a partir da postura enquanto estudante de graduação (P5, P8).

Com relação à formação oferecida pela universidade mais da metade das profissionais percebe como positiva (P2; P4; P6; P7; P8): P2 (Psicóloga em interface com a justiça) destaca como aspecto positivo o senso crítico oferecido: *Então, embora a nossa formação tenha sido boa, eu acho que ela foi muito boa na perspectiva de formar, de favorecer, que a gente tenha senso crítico, que é uma coisa que a gente não vem tendo em todas as universidades, cada vez mais eu vou vendo que... Embora na área de humanas seja até mais comum do que em outras áreas, mas a maioria das faculdades não promove esse questionamento da realidade, questionamento das situações bases e tudo mais, então eu considero que isso foi um dos aspectos mais enriquecedores pra nós, pra mim pelo menos que me formei lá.*

P4 - *Eu avaliava muito bem, quando eu tava na graduação, NE?. Mas assim, ultimamente, ela é muito boa, mas até que ponto ela é aplicável.*

P6 - (Psicóloga Clínica) relata que formação foi suficiente para a atividade que realiza atualmente: *Comparando com pessoas que eu conheço, de outras faculdades, de outros cursos, eu vejo que elas não tiveram contribuições da faculdade que hoje eu tive e que me ajudam muito na prática, ne? Então, apesar de você formar e ter que buscar uma coisa por fora, de forma geral o caminho, a semente meio que foi lançada ali e eu consigo caminhar, assim, muito com a formação que eu tive.*

P7 - (Psicóloga Escolar) relata que a formação foi positiva no que se refere à área de saúde, área em que focou sua formação, a profissional destaca a responsabilidade do aluno em dirigir a própria formação: *Então, eu avalio assim. A formação na Universidade Federal*

foi boa, mas, assim, eu dou mais mérito também aos alunos. Assim, porque às vezes assim... lógico, tivemos excelentes professores, mas eu sinto muito essa questão da responsabilidade pessoal, de você trilhar realmente as suas escolhas, você dedicar mais tempo ou não, ne? Então, assim, eu apesar de eu ter me dedicado muito especificamente em uma área, que foi a da saúde, eu me arrependo depois de não ter passado por diversas áreas, ter tido contato com as diversas áreas, que me fez falta depois na hora da atuação mesmo, profissional. Mas, dentro daquilo que eu tinha estabelecido para mim, eu avalio como uma boa formação.

P8 - (Técnica Social em Psicologia) destaca como ponto positivo a faculdade ter apresentado variadas possibilidades de atuação, além de o curso se destacar por suas pesquisas: *Eu avalio de forma positiva, ne? eu acho que a nossa Faculdade e, assim, o nosso curso hoje se destaca mesmo por essa questão da pesquisa, desse rigor acadêmico, ne? eu acho, assim, isso muito válido. Eu acho que nesse sentido que a Academia, que a graduação tem de te apresentar variadas possibilidades de atuação, eu acho que isso foi oferecido, ne? eu tenho pelo menos uma noçãozinha do que que é cada coisa, do que que é Psicologia Hospitalar, do que que é Psicanálise, do que que é a Clínica na Terapia Cognitivo Comportamental, da Terapia Cognitiva, um pouco do que é a Psicologia Escolar Educacional... então, nesse sentido de apresentar o campo, eu acho que a graduação foi boa.*

O aspecto ressaltado por P8 (Técnica Social em Psicologia) não é destacado por outras profissionais, sendo que muitas delas afirmam o contrário: P1 relata a carência em abordagens diversas: *Eu senti uma certa carência de algumas abordagens teóricas dentro da Psicologia e também eu achei que a minha graduação foi muito focada em algumas áreas, mas eu sinto alguma carência em algumas áreas, por exemplo, Psicologia social, em contrapartida a Psicologia escolar a gente teve um foco bem determinado ali, então acho que foi uma formação mediana que me deu um certo panorama do que é a Psicologia com certeza, é isso.*

P2 - (Psicóloga em interface com a justiça) aponta que a faculdade não amplia os olhares com relação a outras áreas de atuação, uma vez que foca a formação voltada para a pesquisa: *(...) agora deixa a desejar nesses outros aspectos, de ampliar os nossos olhares embora já não seja mais clínico que é formação tradicional em Psicologia, a gente já não é tanto, mas puxa muito pro lado acadêmico, o lado acadêmico de pesquisa, de mestrado, e a gente cai no mercado de trabalho e vai procurar pra onde que tem espaço e os espaços estão nessas outras áreas todas, é um pouco disso.*

P3 - (Psicóloga Jurídica) aponta que a graduação dá ênfase a pontos específicos, não contempla áreas diferentes das ênfases do curso: *Eu acredito que o curso dá ênfase em*

pontos específicos ne, assim como é exigido, ne, que cada curso tenha as grandes áreas de abordagem no nosso caso eu acho que seria a escolar, e a social, ne, alguma coisa do tipo desenvolvimento social, mas acredito que o que foge disso a formação é muito deficitária, porque você não vê isso, nem em disciplinas, nem em possibilidades de estágio que são raras. No caso da Psicologia jurídica, por exemplo, que eu to atuando, não tem nenhuma disciplina no curso, nenhum professor no departamento que aborde o tema e estágio extracurricular só tem um, o curricular nenhum (...). Não só para a área de jurídica, mas outras também que não são abordadas dentro destes dois grandes blocos do curso(...).

Além da falta de abordagens diversas e áreas de atuação, algumas falhas apontadas dizem respeito à distância entre a Psicologia ensinada e a sociedade (P5):*Eu avaliava muito bem, quando eu tava na graduação, NE?. Mas assim, ultimamente, ela é muito boa, mas até que ponto ela é aplicável. Porque eu acho que o psicólogo hoje em dia, ele tá muito, existe uma dissonância a Psicologia e a sociedade. A Psicologia aplicada às políticas públicas. A Psicologia, assim, questionando a sociedade, sabe? Eu acho que existe muita Psicologia, a gente até NE? Não sei NE?... É muito a minha opinião, assim... Uma Psicologia de laboratório, sabe? Mas quando você vai sair, você não sabe aplicar... É muito diferente... Mas eu acho que eu levei esse baque maior, porque eu entrei numa área muito nova.*

A falta de professores qualificados em alguns momentos (P8 – Psicóloga Clínica): (...)*em alguns momentos tivemos professores substitutos que não tinham o mesmo nível que professores que já estão, ne? Com a carreira mais estabelecida. Algumas matérias deixaram muito a desejar, porque o professor realmente não tinha, é..., não tinha mesmo competência pra passar aquilo ou não tinha competência, de alguma forma não conseguiu transmitir pra gente. E... em alguns momentos também, até professores que são do Departamento, que são efetivos, deixavam mesmo algumas matérias a desejar. Talvez por dar alguma matéria que não tinha tanta afinidade, porque é um departamento com poucos professores, ne? No caso, a gente cobra do professor, mas a gente vê que ele ta dando uma matéria que não era, não é aquilo que ele estudou, não é aquilo que ele se dedicou mais. Então, é muito complicado. Algumas matérias realmente deixavam a desejar(...).*

Metodologias de ensino mais adequadas (P6 – Analista de Recursos Humanos; P8 – Técnica Social na área de Psicologia):

P6 – Analista de Recursos Humanos: (...)*eu sinto algumas falhas na formação, como por exemplo, desenvolvimento, peguei o livro de desenvolvimento para ler, como eu decorei muita coisa na época, porque a (nome da professora foi suprimido) exigia que gente*

decorasse, hoje eu não lembro mais, então hoje eu to tendo que rever, reler, fazer tudo nos mínimos detalhes, para ver se eu aprendo ao invés de decorar(...).

P8 – Técnica Social na área de Psicologia: *Então é aquela coisa de você saber fazer uma prova. De repente assim, repensar o método de avaliação da Academia, sabe? A que eu tive mais dificuldade foi na área da Psicologia Educacional e Escolar. Que, assim, as minhas notas eram piores, mas, ao mesmo tempo, eu tenho a impressão de que foram as disciplinas que eu mais aprendi. Então, assim, é tudo um pouco contraditório, assim... mas a avaliação foi positiva.*

Além de conteúdos que não foram oferecidos (P5, P6): *“eu acho que teve falhas assim, a universidade deixou de oferecer algumas coisas que eram importantes.”* (P5 – Analista de recursos humanos); *“(...) mas a gente encontra também muitas dificuldades. Matérias que eu queria cursar e que não foram oferecidas, porque não tinha professor.”* (P6 – Psicóloga Clínica).

Com relação aos aspectos pessoais, as profissionais consideram que lhes faltou maturidade para aproveitar tudo o que a universidade lhes oferecia (P5, P8).

P5 – Analista de Recursos Humanos: *Eu acho que podia ter feito muito mais, com a maturidade que eu tenho, mas eu acho que na época eu não tinha a maturidade, suficiente para escolher para onde ir. É muito fácil a gente olhar um pouquinho para trás e ver que nossa eu podia ter feito isso, podia ter feito aquilo, mas na hora são tantas opções que você fica um pouquinho perdido(...).*

P8 – Técnica Social na área de Psicologia: *Eu acho que eu... se eu tivesse um pouco mais de maturidade, porque eu entrei na faculdade muito nova, eu sou nova, ne? tenho 23 anos e já to trabalhando. Eu entrei na faculdade com 17 anos, fiz 18 no primeiro período. Então eu vejo assim, se eu tivesse mais maturidade eu poderia ter aproveitado melhor as pesquisas, os projetos, é... oferecidos pela faculdade, os professores... poderia ter me dedicado mais, me aprofundado mais. Eu acho que é mais um conjunto de coisas, ne? na vida, é um monte de pessoas sendo apresentadas, falta de maturidade. Então eu acho assim, eu poderia ter me dedicado mais assim, na graduação (...).*

Disciplinas ou atividades indispensáveis à atuação

Duas profissionais apontaram como indispensável a prática, à formação em geral: *O conjunto da formação ele trouxe, permitiu que eu vá pra avaliar as coisas por exemplo, com um olhar da Psicologia, com avaliação da ciência digamos assim, que é complicado também a gente a discussão por que a ciência é muito lúdica no nosso caso, então acaba que é um olhar do viés que eu tenho de interpretar o ser humano, então assim, de modo geral*

contribui, mais disciplinas especificas acho que são essas que eu não fiz que poderiam ter contribuído. (P2).

E o conjunto de experienciais (P3): *Eu acho que as experiências como um todo acabam construindo muita coisa, NE? Você ter visões diferentes, ambientes diferentes, instituições, cada instituição com suas peculiaridades, mas eu não identifico uma única assim até porque não tem nada na graduação que eu tenha feito que se assemelha ao meu trabalho atual, então eu não identifico uma, talvez lógico o conjunto de coisas que me deu uma bagagem profissional assim, mas nada específico.*

A metade das profissionais destaca a importância dos estágios como indispensáveis à atuação (P2; P5; P6; P7): *Eu acho que o estagio foi muito importante, não que ele seja diretamente relacionado no meu dia a dia, mas favoreceu essa questão do diálogo. (P2); (...) dos casos que eu comecei a ter contato durante a faculdade, que eu fui construindo aquilo que eu hoje eu trago pra minha prática. (P6).*

P5 - (...) *a Apsi foi essencial, mas não seria uma matéria, seria uma empresa júnior na verdade, foi essencial, e o meu estágio no Caed também foi essencial. Assim como o meu estágio com o (nome do professor foi suprimido), também ajudou bastante, então assim, eu acho que foi um pouquinho de tudo assim.*

P7 - (...) *eu consigo perceber muito na área da saúde. Tanto nos atendimentos clínicos, que eu fiz aqui no João Penido, me deu uma escuta melhor, me deu uma sensibilidade, aprimorou a sensibilidade, na escuta pros atendimentos. Mas, o HU CAS foi fundamental. Foi o primeiro contato já logo com os lactentes. Eu comecei a ter uma percepção mesmo de trabalhar com a prevenção.*

P6 ressalta ainda a importância da supervisão de estágio: *os materiais que me foram repassados e o estágio, ne? Porque eu que... a parte da supervisão de estágios.* Algumas profissionais apontam matérias específicas relacionadas diretamente às suas áreas de atuação: A Psicóloga Hospitalar (P1), destaca as matérias de saúde e hospitalar, além da Psicologia Comunitária no que se aproxima da Psicologia Hospitalar: *Essas disciplinas que eu falei, Psicologia da saúde e Psicologia hospitalar foram importantes. Também tivemos Psicologia comunitária que aproximou um pouco da minha área de atuação, pois a Psicologia da saúde contempla o hospital e os outros níveis de atendimento em saúde, como o comunitário.*

A Psicóloga Social (P4) aponta o pensamento foucaultiano: *A minha base de pensamento é do Foucault, NE? Com essa coisa assim, mas assim, de esquerda mesmo, abrindo mão dessas coisas instituídas;*

P5 (Analista de recursos humanos) aponta a história da Psicologia, pois auxilia no entendimento do desenvolvimento dos testes: *Na parte, por exemplo, de avaliação, eu acho que história da Psicologia foi essencial até para você compreender um pouquinho do desenvolvimento dos testes, porque que eles são assim hoje, aprender um pouquinho de tudo.*

A Psicóloga Clínica (P6), aponta as disciplinas de psicopatologia, teoria e técnicas psicoterápicas e Psicologia escolar; a Psicologia escolar também ganha destaque para P7, visto que atua no contexto da Educação Especial, além disso, destaca as disciplinas de desenvolvimento humano e Psicologia do excepcional.

A profissional 8 (P8), destaca as matérias de Psicologia Social, Psicologia Comunitária, Psicologia Institucional, devido a visão da professora, além de matéria eletiva que trabalhava políticas sobre usuário de drogas: *não lembro do nome da disciplina, mas era uma disciplina que trabalhava um pouco de Supera, do Ministério da Saúde, pra usuários de drogas, que foi uma disciplina que eu fiz, também eletiva.*

Aspectos não abordados pela graduação importantes para a prática

Metade das profissionais relata ter recebido um conhecimento superficial acerca da área em que atuam (P5, P6, P7, P8).

P5: *organizacional, se você para pensar a área que atuo hoje a gente não aprendeu na faculdade. Então a gente aprendeu muito pouco, e o que gente aprendeu na verdade foi muito superficial.*

P6: *Então, eu não acho que me faltou ter, eu tive a base, mas poderia ser um pouco mais aprofundada.*

P7: *Pra minha prática, eu acho assim, especificamente as necessidades especiais, uma disciplina é muito pouco, ne? Porque assim, fico tudo muito não diria corrido, mas mais superficial. Então assim, é claro, ne? Na prática a gente vai aprimorar e vai tentar aprofundar em cada particularidade da criança. Mas, eu diria assim, pra quem vai se dedicar a educação especial, a gente praticamente teve uma só uma breve iniciativa, uma breve...*

P8: *Ah... eu acho, mas, assim, é difícil explicar, porque, assim, talvez o papel da graduação não seja esse. Porque eu entendo que a graduação tem essa coisa de te apresentar, ne? As variadas possibilidades. Mas justamente esse objetivo de te apresentar, não te dá a possibilidade de você aprofundar. Então assim, você acaba... A sensação que eu tenho, ne? Em muitos assuntos da Psicologia que tipo eu fui apresentada a eles, mas eu não sei profundamente, ne? A respeito deles. Então assim... é... nossa, eu to assim, sem saber como falar (...)*

As razões para esta superficialidade decorrem na visão de algumas profissionais: de professores que não eram bons (P5): *eu acho que faltou bastante, quando começou lá com aquela moça doida, como é que ela chamava?... (nome da professora foi suprimido). Não era a (nome da professora foi suprimido) não, era (nome da professora foi suprimido). Então já era para ter começado bem ali, era só pra (nome da professora foi suprimido) vir aprofundando e a (nome da professora foi suprimido) foi muito superficial, não foi algo legal de aprender, o que eu aprendi mesmo eu aprendi na Apsi e depois aqui, batendo cabeça mesmo, eu não aprendi isso na faculdade, sabe?*

Falta de professores (P6): *Mas, como temos outras áreas pra estudar, então isso fica um pouco justificado também;* e da necessidade de se abordar diversas áreas (P1): *Acho que os referenciais teóricos além da psicanálise, e o foco foram sempre a psicanálise, então acho que faltou um pouco isso, outras abordagens. Pra te dar um leque maior de possibilidade de atuação? É, tanto na clinica quanto nas instituições de modo geral.*

Foco dado a algumas matérias no início da faculdade (P8): *E eu acho também o início da graduação muito focado, ne? História da Psicologia e Fundamentos da Psicanálise. E assim... pro que eu faço hoje, é uma outra realidade, não contribuiu muito. Então assim, foi um grande período dedicado, desenvolvimento... não, desenvolvimento foi importante também. Mas assim, praticamente o início da faculdade, pra aquilo que faço hoje, é bem diferente. Assim, as disciplinas, sabe? Então eu acho que seria isso.*

Diálogo do psicólogo com as políticas públicas: P2 - *Eu acho que essa parte de saúde pública, saúde coletiva, deveria entrar na obrigatória, a gente não teve alguma coisa não lembro, não sei agora quem, falando um pouquinho sobre a historia do SUS e de como que foi esse desenvolvimento, dos direito, e eu acho que isso faz um pouco de falta, principalmente considerando que hoje é uma área de trabalho muito grande que tem se expandido cada vez mais na intervenção no sistema único de assistência social e de saúde, no de assistência principalmente tem aberto muitas vagas e a gente não sai preparado;*

P4 - *A faculdade? Muito. Porque é, eu até converso com outros profissionais que eu tenho contato, assim, é a Psicologia, pelo menos a Psicologia lá ela não dialoga com a sociedade, e assim, e ainda mais um profissional que na minha área, NE?*

P7 - *Então assim, eu diria que se começar a pensar mais, até mesmo na questão da inclusão, ne? Eu diria também que pro problema da inclusão, também é praticamente uma coisa que não vimos na faculdade. A inclusão. E, hoje em dia, a gente ta aí, ne? Então, por ela, é um questão super atual, mas que, durante a faculdade, eu não me recordo de ter sido*

questionado, trabalhado. Então assim, eu acho que algumas questões também não foram discutidas não, trabalhadas.

P8 - A gente... em nenhum momento assim é... nenhuma disciplina eu acho que houve uma discussão aprofundada acerca do papel da Psicologia nas políticas públicas, é... deixa eu pensar mais aqui. As próprias formas de tratamento, por exemplo, do usuário de drogas. Foi uma coisa muito pincelada, muito superficialmente.

A psicóloga jurídica (P3) afirma que a graduação deixou de abordar todos os aspectos importantes à sua prática atual.

Sugestões para o curso de Psicologia

A sugestão apontada pela maioria das profissionais está relacionada à necessidade de que a graduação seja realmente generalista (P3), inserindo maior diversidade de referenciais teóricos (P1, P5), e que possa incentivar os alunos a ter contato com as mais diversas áreas (P7).

Outras sugestões referem-se à necessidade de propiciar espaços de discussão dos problemas atuais da sociedade Brasileira (P4), além de inserir disciplinas relacionadas ao SUS, ao sistema de assistência social e de políticas públicas (P2).

P6 sugere a necessidade de contratar mais professores e P5 sugere melhores professores. A profissional 5 (P5) ainda ressalta que a matéria de estatística seja colocada no meio do curso, para que assim o aluno entenda porque esta está sendo estudada.

DISCUSSÃO

Nosso estudo teve como objetivo entender como a formação, a partir da perspectiva dos egressos do curso de Psicologia da UFJF, formados há no máximo três anos, contribuiu para a atuação destes profissionais em diversas áreas deste campo de conhecimento. Além disso, como objetivos específicos tentamos identificar os pontos positivos; as lacunas nesta formação, disciplinas ou atividade importantes para a atuação profissional; aspectos importantes para a atuação não contemplados pela formação.

O estudo de Malvezzi et al. (2010), considerou como recém-formados profissionais graduados a no máximo 2 anos, os motivos pelos quais as autoras delimitam esse recorte de tempo não fica claro, parecendo-nos que elas o fizeram de maneira arbitrária. Como desejávamos abranger o maior número de áreas de atuação em Psicologia, bem como a UFJF possui um portal de egressos que mantém os dados de graduados até 3 anos de formado, decidimos fixar em no máximo 3 anos de formatura para a participação na pesquisa.

Um objetivo inicial quando ainda pensávamos a pesquisa não foi possível de ser levado a cabo. Intentávamos através do procedimento preliminar, não somente delimitar as

áreas de atuação para assim compor a amostra de nossa pesquisa, mas também produzir dados acerca das características dos psicólogos formados pela UFJF formados, há no máximo 3 anos, bem como as áreas escolhidas para sua inserção profissional. Nosso questionário não retornou tantas respostas quanto gostaríamos, sendo assim apenas 1/3 dos mesmos foi respondido ou apresentavam respostas completas. Ainda que não representem a totalidade de egressos formados pela UFJF no período de 3 anos, algumas considerações serão realizadas: Com relação à idade (entre 23 a 29 anos), nossos respondentes se aproximam dos dados relatados Malvezzi et. al (2010), idades entre 24 e 26 anos, a diferença nas idades pode ser justificada pela diferença de período considerado (de 2 para 3 anos de formado).

Dos 45 respondentes, 44 são do sexo feminino, como apontado em outras pesquisas (Bastos & Gondim, 2010; Bastos & Gomide, 1998; Lhullier & Roslindo, 2013; Malvezzi et.al, 2010), percebemos a feminilização dos profissionais de Psicologia formados pela UFJF.

O resultado das ocupações dos egressos revelam dados interessantes: o fato de mais da metade estar inserido na pós-graduação (n = 18), sendo que destes quase a totalidade estão inseridos na modalidade strito sensu (n = 17), mestrado ou doutorado, pode se dever ao fato de o curso de Psicologia possuir um curso de mestrado (Araújo, 2011) e mais recentemente ter iniciado as atividades de um doutorado. Além disso, o fato de o curso ter quatro núcleos de pesquisa e uma pós-graduação permite aos graduandos a possibilidade de se inserirem em pesquisa.

Podemos perceber com relação às áreas em que os recém-formados se inserem a presença de concentração em áreas tradicionais da Psicologia como a clínica (n = 7) e a do trabalho (n = 6), e na área de social (n = 6). Estes dados não surpreendem, uma vez que “Psicologia e Processos clínicos” e “Processos de Prevenção, Promoção da Saúde e Social” são apresentadas como ênfases deste curso, além disso, como apresenta Bastos et.al (2010) a área organizacional é a terceira área que mais absorve profissionais. A terceira área tida como tradicional é também a terceira ênfase deste curso “Psicologia, Desenvolvimento Humano e Processos Educativos”, e apresentou a inserção de apenas 2 profissionais. As demais ocupações encontram-se dispersas em áreas emergentes da Psicologia: psicólogo/a hospitalar; psicólogo/a da saúde; psicólogo/a da jurídica; psicólogo/a em interface com a justiça.

Após as considerações realizadas acerca do procedimento preliminar nos ateremos agora às considerações de que são objeto o presente estudo. Para emprendermos a compreensão das vivências de formação das psicólogas entrevistadas, optamos por utilizar a pesquisa qualitativa de referencial fenomenológico (Giorgi, 1985), bem como optamos pela entrevista como forma de acesso a estes dados.

É possível perceber que as profissionais se dividem em 2 grupos quando relacionadas às atividades realizadas na graduação. As que optaram por uma especialização precoce e as que tentaram obter o máximo de experiências em áreas diferentes. Este fato coloca em evidência a questão do debate sempre vivo de uma formação generalista X formação especializada (CFP, 2004; Hoff, 1999). A fala de uma das profissionais nos traz um dado interessante, que nos remete a pensar que o mercado de trabalho com suas variadas possibilidades (Malvezzi et. al, 2010) pode apresentar possibilidade de atuação diferente das traçadas ao longo da graduação:

Então, assim, eu apesar de eu ter me dedicado muito especificamente em uma área, que foi a da saúde, eu me arrependo depois de não ter passado por diversas áreas, ter tido contato com as diversas áreas, que me fez falta depois na hora da atuação mesmo, profissional. Mas, dentro daquilo que eu tinha estabelecido para mim, eu avalio como uma boa formação. Ne? Não tive a felicidade, a princípio, de trabalhar na área escolhida por mim durante a faculdade. Então talvez eu me restringi um pouco, ne? durante a faculdade (...).

Acerca da necessidade de um curso mais generalista, vemos que a maioria das profissionais ressalta esta questão, como sugestão para a melhoria do curso de graduação. Ainda apresentam como principal falha da graduação o foco dado a algumas abordagens e áreas de atuação.

O curso de graduação possui três ênfases, acerca deste fato é importante destacar que as profissionais que alegam ter recebido conhecimentos, ainda que superficiais de suas áreas de atuação estão inseridas em áreas afins a estas ênfases (P5 – Psicóloga Organizacional, P6 – Psicóloga Clínica, P7 – Psicóloga Escolar, P8 – Técnica em Psicologia Social). Destaque para duas profissionais, a Psicóloga Organizacional (P4), ainda que não seja uma das ênfases do curso, podemos perceber que o curso de Psicologia da UFJF possibilita espaços de estágio e disciplinas relacionadas a esta área, o que demonstra a força que este campo tem na Psicologia, sendo considerada uma área tradicional. Psicóloga Social (P4), ainda que esteja atuando numa das áreas contempladas pelas ênfases deste curso, percebe que a visão que necessitaria para esta atuação não foi estimulada pela graduação: “(...) *A Psicologia, assim, questionando a sociedade, sabe?*”.

Com relação ao que expressa a Psicóloga social (P4), é interessante notar que esta necessidade de diálogo entre o psicólogo e as políticas públicas também é percebido por outros profissionais (P2, P7, P8). Esta necessidade de diálogo com a sociedade também é

expressa por outros autores (Aguirre et. al; 2000; Bastos et.al, 2010; Bock, 1997; Carneiro, 2006; Carvalho, 1984).

Com relação às disciplinas ou atividades indispensáveis à atuação temos a ênfase dada pelos profissionais às atividades de estágios. Este é um aspecto importante da formação que deve ser levado sempre em consideração pelas instituições formadoras. E o relato das profissionais entrevistadas salienta.

Outro aspecto que merece ser considerado se refere ao corpo docente e aos métodos de ensino, como explicitado por algumas profissionais, em certos momentos estes aspectos deixaram a desejar. Isso pode ser pensado a partir da perspectiva de que a experiência dos professores será um ponto importante do currículo de uma instituição. Este fato, pode estar relacionado ao que indica Bastos et.al (2010), de que a qualidade do corpo docente não tem acompanhado a expansão da graduação.

A instituição de ensino demorou a implementar as novas diretrizes curriculares, e para estas profissionais não foi oferecido o estágio básico, esperamos que alguns dos questionamentos explicitados pelas profissionais possam ser sanados por esta atividade, porém entendemos que para que o mesmo realmente contribuía na formação dos futuros psicólogos formados pela UFJF, uma maior articulação entre a teoria e a prática deverá ser realizada.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Esperamos que este estudo possa contribuir para o conhecimento da formação de profissionais de Psicologia formados pela UFJF. Propomos, com estes dados apresentados apontar algumas indicações acerca da vivência de alguns profissionais sobre seu processo formativo. Por se tratar de uma análise fenomenológica, que busca entender o olhar e a percepção pela óptica dos participantes, não nos cabe fazermos interpretações hermenêuticas ou análise crítica de nossos resultados. Nosso objetivo é descrevê-los. Salientamos que estudos complementares, utilizando a mesma metodologia, ou metodologias complementares, devam ser implementados, para que, assim, possamos construir um conhecimento sólido acerca desta temática.

REFERÊNCIAS

- Aguirre, A. M. B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker E., Carmo, H. M. S., & Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de Psicologia. *Revista de Psicologia da USP*; 11(1), 49-62.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: Uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100.

Araújo, S. F. (2011). Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – 1977. In: A. M. Jacó-Vilela (Ed.), *Dicionário histórico de instituições de Psicologia no Brasil* (pp. 156-158). Cidade: Imago Editora.

Araújo, S. F. (2009). Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. *Temas em Psicologia*, 17(1), 9-14.

Bastos, A. V. B., & Gomide, P. I. C. (1989). O psicólogo brasileiro: Sua atuação e formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 6-15.

Bastos, A. V. B., & Gondim, S. M. G. (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.

Bastos, A. V. B., Gondim, S. M. G., & Borges-Andrade, J. E. (2010). O psicólogo brasileiro: Sua atuação e formação profissional. O que mudou nas últimas décadas?. In O. H. Yamamoto, & A. L. F. Costa (Eds.), *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp. 257-271). Porto Alegre, RS: Artmed.

Bock, A. A. (2010). Psicologia como Profissão: Entrevista com Ana Bock. Entrevista a Iracema Neno Cecílio Tada. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 246-271.

Bock, A. M. B. (1997). Formação do psicólogo: Um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17 (2), 37-42.

Brasil. Lei n.º. 4.119, de 27 de agosto de 1962. Regulamenta a profissão de Psicólogo e dispõe sobre os cursos de Formação em Psicologia. Recuperado de http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/lei_1962_4119.pdf

Carneiro, V. T. (2006). *Tornando-se Clínico* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco.

Carvalho, A. M. A. (1984). Modalidades alternativas de trabalho para psicólogos recém formados. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 6, 1-14.

Conselho Federal de Psicologia. (1988). *Quem é o Psicólogo Brasileiro?* São Paulo: EDICON.

Conselho Federal de Psicologia. (1992). Carta de Serra Negra. São Paulo,. Recuperado em 20 de fevereiro de 2013, de: www.abepsi.org.br.

Conselho Federal de Psicologia. (2004). Resolução CNE/CES nº 08/2004, de 08 de maio de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília, DF.

Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho*. Brasília: CFP.

- Conselho Nacional de Educação (Brasil). (1962). Parecer n.º 403, 1962. Estabelece a carga horária mínima do curso de Psicologia, incluindo as habilitações. Relator: Valnir Chagas.
- Conselho Nacional de Educação (Brasil). (2011). Resolução n.º 5, de 15 março de 2011. Câmara de Educação Superior. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Diário Oficial da União 2011, Brasília, Seção I, 19 p.
- Costa, A. L. F., Amorim, K. M. O., & Costa, J. P. (2010). Profissão de psicólogo no Brasil: Análise da produção científica em artigos. In O. H. Yamamoto, & A. L. F. Costa (Eds.), *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp. 31-58). Natal: EDUFRN.
- Costa, J. P., Amorim, K. M. O., Pessanha, V. C., & Yamamoto, O. H., (2012a). Quem estuda a profissão de psicólogo no Brasil?. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(2), 2-18.
- Costa, J. P., Amorim, K. M. O., Pessanha, V. C., & Yamamoto, O. H., (2012b). A Produção científica sobre a formação de psicólogos no Brasil. *Psicologia em Pesquisa*. 6(2), 130-138.
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Giorgi, A. (1985). *Phenomenology and Psychological Research*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Hoff, M. S. (1999). A Proposta de diretrizes curriculares para os cursos de Psicologia: Uma perspectiva de avanços?. *Psicologia Ciência e Profissão*, 19(3). 12-31.
- Lhullier, L. A., & Roslindo, J. J. (2013). As psicólogas brasileiras: Levantando a ponta do véu. In Lhullier, L. A. (org), *Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho*. Brasília: CFP.
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009) Formação em Psicologia no Brasil: Um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 718-737.
- Malvezzi, S., Souza J. A. J., & Zanelli J. C. (2010). Inserção no mercado de trabalho: Os psicólogos recém-formados. In S. M. G. Gondim & A. V. B. Bastos (Eds.), *O Trabalho do Psicólogo no Brasil* (pp. 85-106). Porto Alegre: Artmed.
- Mello, S. L. (1975) *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática.
- Ministério da Educação. (2001). *Parecer CNE/CES n.º 1.314, de 7 de novembro de 2001*. Recuperado em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1314_01.pdf
- Ministério do Trabalho e Emprego - MTE (2002). Classificação Brasileira de Ocupações 2002. Recuperado de <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/downloads.jsf>
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.